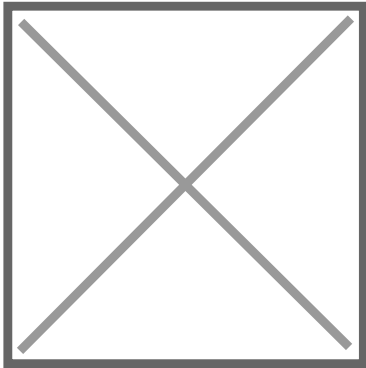


15/06/2002



A curta calmaria

Os que não entenderam os objetivos e os limites do pacote baixado pelo governo na quinta não devem ter compreendido igualmente a reação do mercado sexta-feira. O BC elevou os compulsórios sobre depósitos a prazo de 10% para 15%, fez leilões e vendeu dólares.

E o risco-país voltou a disparar – subiu 6,39%. No mercado futuro, os negócios com juros voltaram a ser interrompidos pela manhã, reabriram à tarde e fecharam com alta de 2,49% para os contratos que vencem em janeiro.

O que dá para fazer

O dólar subiu apenas 0,18%. O governo foi derrotado? Não exatamente. Seu pacote foi feito para administrar a alta do dólar e permitir que o país, em crise financeira, chegue até outubro.

O BC e o ministro Malan, que afirmou que o governo “não fugirá, como nunca fugiu, de suas responsabilidades”, nada podem fazer quanto a um fato: 2002 é um ano eleitoral, e o governo vai mudar. E o candidato que lidera as pesquisas é o petista Luiz Inácio Lula da Silva.

Pela boca

Lula criticou o acordo com o FMI e afirmou: “Se tivessem emprestado US\$ 10 bilhões para acabar com a fome, para fazer qualquer coisa que fosse útil, tudo bem. Mas estamos fazendo passivo para aumentar o passivo”.

Uma bobagem monumental – e o candidato desdisse tudo o que havia sido dito por seu principal assessor econômico, Guido Mantega, em Wall Street, onde prometeu que as primeiras medidas do PT, se eleito, serão conservadoras e que as metas de inflação e de superávit fiscal serão mantidas.

Balanço

O dia mostrou que as medidas do governo têm limites e que os candidatos que lideram as pesquisas deveriam fazer um pacto político e público sobre, ao menos, o que não será feito a partir de 2003.

Na quinta-feira, **Primeira Leitura** reagiu com ceticismo ao pacote. Para variar, a opinião lhe rendeu críticas azedas. É do jogo. **Primeira Leitura** não faz jornalismo para agradar ao coro dos contentes.

Não é de hoje...

Depois de ter elogiado as medidas do governo, o FMI disse que a economia brasileira continua vulnerável em dois pontos: a elevada necessidade de financiamento externo, devido ao déficit em transações correntes, e o perfil da dívida pública, em grande parte atrelada ao câmbio e à taxa de juros.

Receita

Entre as recomendações do Fundo para o país neste momento, estão a manutenção do conservadorismo fiscal e monetário e o aprofundamento das reformas estruturais e do sistema financeiro.

Alta ansiedade

O economista José Roberto Mendonça de Barros acredita que a tranquilidade no mercado deverá demorar ainda uma semana. Segundo ele, o importante, neste momento, foi a presença do BC e do governo. Outros economistas também apostam na redução da tensão entre investidores. Mas nada muito além disso.

Assim falou...*Rüdiger Dornbusch*

“Se estamos buscando um especulador para culpar pela situação do Brasil, esse especulador é Fernando Henrique Cardoso”.

Do polêmico economista e professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), ao declarar que o Brasil pode ver um colapso de sua economia até o fim do ano.

Tudo é história

A classe política brasileira parece estar sempre a correr atrás dos fatos, na rabeira da realidade. É raro ver um homem público que seja, vamos dizer, contemporâneo de si mesmo e da história, por mais absurda que pareça a formulação. Há no ar uma espécie de síndrome dos dois macaquinhos: a maioria faz questão de não ver e não ouvir. Mas falam muito. Fala-se pelos cotovelos neste país.

Imaginem se os “macaquinhos” do Banco Central, à época do câmbio fixo, tivessem visto e ouvido a economia real. A aventura teria durado muito menos tempo. E se tivessem visto e ouvido o pulso da indústria e do emprego, teriam, quem sabe?, se levantado mais cedo do altar de sua ortodoxia inútil. Quanto papel se gastou no país para discutir o modelo usado pelo BC



para projetar a inflação!!! Jesus!

É uma verdadeira obra de devastação ecológica e empulhação técnica. E agora? O que faz o BC com a sua inflaçãozinha, a sua brincadeirinha de metas e bandas? Nada. Mas quem há de lhe cobrar agora se nada lhe foi cobrado antes?

Revista **Consultor Jurídico**, 15 de junho de 2002.

Fonte: https://conjur.jumps.com.br/2002-jun-15/primeira_leitura_medidas_baixadas_governo_limites/